

Kaito

reze por uma boa morte

Bruno Crispim

Tokyo / São Paulo / Seoul

KAITO

REZE POR UMA BOA MORTE



BRUNO CRISPIM

1ª EDIÇÃO

Bruno Crispim

Copyright© Bruno Crispim, 2021

Crispim, Bruno

Kaito: reze por uma boa morte

1ª Edição

Revisão de Texto | Maria Luiza Vanz

Capa | Rafael Crispim e Fasel Barros

Bruno Crispim – São Paulo: 2021

Reservados todos os direitos. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por fotocópia, microfilme, processo fotomecânico ou eletrônico, ou por qualquer tipo de armazenamento ou sistema, sem permissão expressa do autor.

Aviso

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por fotocópia, microfilme, processo fotomecânico ou eletrônico, ou por qualquer tipo de armazenamento ou sistema seja ele eletrônico ou impresso, sem permissão expressa do autor.

Apesar de todas as formas de verificação feitas para checar as informações contidas neste e-book, não é de responsabilidade do autor quaisquer erros, omissões ou interpretações contrárias aos temas aqui contidos.

Esta obra é exclusivamente para entretenimento e não deve ser tomada como instrução ou comando. O leitor é responsável por suas próprias e exclusivas ações e compreensões.

O autor não assume quaisquer responsabilidades sobre quaisquer ações resultantes da leitura deste material.

Quaisquer menções a indivíduos ou marcas são meramente ilustrativas.

à deusa Diana

sua vinda nos traz aventuras incríveis

não vejo a hora de você andar por esse mundo

todo ele é seu

minha pequena assassina recorrente

Você está vendo aquele garoto muito bem apessoado no meio da rua, rastejando no asfalto? Aquele ali, todo ensanguentado, com a sua camiseta da sorte que já não é mais verde. Metade da orelha esquerda faltando. A perna direita virada no ângulo errado. Ambos os tênis omissos. Um caminho de sangue o seguindo. Aquele ali, implorando pela ajuda da avó, ou da prima ou de qualquer um, por entre os dentes travados de desespero. Está vendo ele?

Pois é, esse aí sou eu, Kaito Mupara Yukimura. Ou só Kaito.

Essa é a antiga e menosprezada versão de mim mesmo. Não em um dos meus melhores dias, é verdade. Mas, definitivamente, não no meu pior.

Eu sei. Me vendo agora, tantos anos depois do apocalipse, você não imaginaria que eu comecei de baixo. Pelo contrário. Você diria que eu sou o filho de alguém importante, nascido com o famigerado talento. Olhos estreitos e vigilantes de um grande samurai. Corpo robusto e valente de um herói Zulu. Um guerreiro nato.

De forma alguma. Não tive berço de ouro. Eu comecei do mesmo buraco que você. Na lama e na loucura, como qualquer *azul*. Zero privilégios. Sem qualquer poder ou habilidade além da nossa maldita imortalidade.

A jornada não foi fácil. Morri pela primeira vez ainda uma criança inocente de vinte anos. Eu precisei de muito empenho, de muita garra, de muito heroísmo para conseguir me destacar neste mundo infestado de gente. E precisei de muita sagacidade também. *Aprenda rápido. Se possível, com o erro dos outros* – é o que eu sempre digo. Tudo bem, eu nunca digo isso. Mas continua sendo verdade.

Mas não coloquemos a carroça na frente dos bois.

Olhe bem para esse pobre eu franzino. Ainda sem saber lidar com as minhas mortes. Depois do fim do mundo, morrer é algo corriqueiro. Revivemos sete horas depois. Prontos para sermos assassinados outra vez. E essa aí será a minha sétima. É uma morte importante. Separa as crianças dos monstros.

Presta atenção. Olha bem para ele. Para mim.

Agora!

O exato momento em que ele molha as bermudas. Uma bexiga de respeito, diriam. Mesmo nessa confusão de sangue e de sujeira, é inegável para qualquer um o que acabou de acontecer.

É trágico. A pouca dignidade que eu guardava com ternura se esvaiu. Mas é um pouco engraçado também. Não? Eu acho. Com o passar dos anos, vai ficando melhor. Eu te garanto.

— Droga, Sayuri, me mata logo! — Eu grito.

Sayuri é aquela garotinha de seis anos de idade que vem devagar, tomando o seu tempo, sorrindo ao pular em um jogo de amarelinha imaginado. Em um primeiro momento, você poderia acreditar que essas duas pessoas não fazem parte do mesmo espetáculo. Que ela não é o monstro mais sanguinário que eu conheço. Que não é um algoz obcecado por mim.

Abra o olho, criatura. Repare a faca na mão da menina. Olhe para o sangue pingando da lâmina – o meu sangue! Para a sua pele levemente azulada. E, faça-me o favor, atente para o chiclete que ela prende entre os dentes e estica com a mão.

Então, não é um chiclete. É a minha orelha esquerda.

Bom, eu sei que você não tem informação decente por aqui. Você nasceu há pouco tempo, bem depois da *Catástrofe*. E viveu sempre dentro dessa reserva, conhecendo pouquíssimos *azuis* na vida. Exatamente por isso você deveria prestar mais atenção no que eu estou te mostrando. Pode ser a diferença entre a vida e uma morte bem lenta e excruciante. Fora que é uma história incrível! Você vai adorar, eu te prometo.

Bem, a pele azul já deveria deixar claro que ela não é mais humana. Com os pequenos chifres nascendo em sua testa e a cauda preta furando seu uniforme escolar, não há dúvida: ela é uma *azul*.

Observe a mão de Sayuri com mais cuidado. Ela não está segurando uma faca. Essa lâmina é uma das suas garras.

O corpo dela, como o de todo azul, vai mudando, evoluindo. A pele e os ossos endurecem. Um chifre aparece. Ou um espinho. Ou um ferrão. Ou uma glândula que produz veneno letal. Se você tiver muita sorte, pode ganhar um par de asas. Vai por mim, agora que os elevadores não funcionam, voar faz toda a diferença.

A gente vai se adaptando ao ofício a cada vez que tira a vida de alguém. Aliás, o termo politicamente correto é *coleccionar almas*. Para amenizar um pouco toda essa carga negativa que o assassinato recorrente traz.

Nessa época, a bandidinha já tinha quase mil almas de força. Não é de se espantar que ela tivesse garras tão grandes. Mas, depois eu explico melhor a mutação constante dos azuis e essa coisa de coleção de almas. Vamos voltar para o mais importante, para a minha história.

Apesar de a minha autoestima estar negativa, eu não estava morto ainda. Quem sabe se eu chamasse a atenção dela para outra vítima, alguém com mais almas, eu não conseguiria fugir enquanto o pobre coitado fosse devorado no meu lugar.

Eu acelero o meu rastejo para uma loja onde, eu sabia, um casal de vivos velhinhos se escondia. Acredite em mim, não existe um único azul neste mundo que ignore a deliciosa carne viva temperada pelo tempo. Menos eu, obviamente.

Eles eram amigos da minha avó e costumavam ir todos os dias jantar no restaurante dela. Antes de tudo isso, eram donos de uma loja de cerâmica tradicional japonesa. Todos os bules da minha avó eram de lá.

Ok. Não foi muito nobre da minha parte. Mas a vida durante o apocalipse não é o que se possa chamar de justa. *Sobrevivência do mais apto*, foi o que disse aquele moço barbudo. Duvido que ele tenha sido um dos poucos que foi para o Céu. Não tem ninguém que preste por lá.

Subi a calçada ainda deitado. Braçadas lentas e largas. Nada de movimentos bruscos para não chamar a atenção de Sayuri para o meu plano.

Ajoelhei no portal da pequena loja abarrotada de vasilhas, me preparando para atravessar o vidro da porta. Quatro olhos arregalados viam a minha aproximação por entre as hastes da persiana. Vivos ainda, como eu suspeitava.

Eles não podiam fazer nenhum barulho. Pelo meu estado, sabiam que tinha um azul mais forte no meu encaço. Só balançaram a cabeça de olhos e bocas arregaladas. A velhinha uniu as mãos em uma súplica. Partiria o coração de uma pessoa sensível. Mas não sobraram tantas delas no mundo. Nenhuma delas nessa rua deserta. As pessoas do bairro aprenderam cedo a fugir de Sayuri.

Eu me levantei e inspirei com selvageria e corri a passos tortos, mas firmes. E pulei na porta. Toda velocidade à frente. Ombro primeiro. A careta vitoriosa pronta. Boca já salivando por uma mordida antes da fuga definitiva. Uma mão para viagem. Quem sabe um braço. Do velhinho mesmo, que estava mais perto.

A porta tremeu, tremeu, mas não quebrou. O ombro, eu já não sei. E a ilusão de uma fuga se espatifou.

Recuei três passos e corri novamente. Por puro desespero. Mais uma vez, não fui forte o suficiente. Não fiz a mínima rachadura naquele vidro. Devia ser blindado. Só pode.

Sayuri estava a duas passadas de distância, rindo de mim. Foi a vez dos meus olhos implorarem por minha vida. Apontei para a vitrine com a cabeça, mas o casal de velhinhos tinha se escondido lá dentro. Rabanetes, cenouras e batatas jogados na frente da porta para disfarçar o cheiro de carne humana. Malditos covardes.

Sayuri dá um passo na minha frente. Devagar para aumentar o meu medo. Essa desgraçada gosta de torturar a gente antes de matar. Diz que a carne fica mais gostosa.

— Sayuri, eu vou ter uma conversinha séria com a sua mãe! — me levanto com dedo em riste — Ela não vai ficar feliz de saber que você tentou roubar a minha alma de novo. Vá caçar outras pessoas e me deixe em paz.

— Mamãe está morta — ela diz irritada. — Ela e o papai gritaram comigo, aí eu matei os dois.

Eu estou te falando, eu sou uma pessoa que sempre alimenta mais esperanças do que deveria. Contudo, quando uma menininha de seis anos não sente um pingão de remorso ao matar os pais, nada sobra.

Depois daquilo, eu me sentei na calçada. Não há por que rastejar ou mesmo correr para longe. Nem razão para tentar chamar a minha avó, que conseguia acalmar Sayuri. Ou a minha prima, que talvez pudesse matá-la.

Parei de esperar por uma solução milagrosa. Ela não me deixaria ir embora. Me perseguiria até me matar. Ou até sua própria morte.

Eu, o seu novo brinquedo. O rato de um gato sem escrúpulos.

Quando as garras de Sayuri subiram, me virei de costas e ruminei sobre as suas razões pela primeira vez.

Não acredito que ela entenda a dor que está causando ou o medo que eu estou sentindo. Ela é apenas uma criança. Acabou de fazer seus seis anos. Talvez, todo esse caos do final dos tempos seja um sonho para ela. Para mim, é um pesadelo.

Eu não vou mentir para você. Naquele instante, eu adoraria arrancar a sua orelhinha azul e a mastigar de boca aberta, bem na sua frente, olhando nos seus

olhinhos pretos, um pouco antes de esganar aquela gargantazinha fina e cheia de escamas.

Só que ela não passa de mais uma das tantas vítimas dessa catástrofe. Todos nós somos. *Vivos e azuis*. Se os nossos caminhos não se cruzarem novamente, não vou guardar nenhuma querela.

Não faria um voto de vingança por ninguém. Vingança e honra não são úteis neste mundo de sangue e desespero. A única coisa que você deve cobiçar é a misericórdia do seu assassino.

A melhor coisa a se fazer é rezar por uma boa morte.

nove meses antes da sétima morte

— Senhoras e senhores, aqui é o seu capitão falando. Sejam bem-vindos a bordo do voo AC036 com serviço de Toronto à Tokyo, sem escalas.

O piloto continua falando em sua voz mecânica. Paro de ouvir em “sem escalas”. Mais treze horas preso em um avião é demais para mim. Adicione isso às oito horas anteriores no voo do Rio de Janeiro à Toronto, às duas horas que esperei no Pearson – o aeroporto canadense – e as outras três que eu fiquei esperando no Galeão, ouvindo os sermões do meu pai e o choro da minha mãe. Mais de um dia inteiro viajando para o fim do mundo – do meu mundo, pelo menos.

Deixei a minha vida para trás. O início de uma carreira de sucesso. Faculdade. Todos os meus três amigos. E uma pessoa especial. Daquelas que, com sorte, você encontra uma na vida. Fui obrigado a abandonar tudo. Trouxe só o meu computador e uma mala com as roupas que minha mãe escolheu para mim. Não houve tempo para despedidas. Não fosse mamãe, eu tinha deixado a minha blusa da sorte no cesto de roupa suja.

E ainda tive de ouvir que essa era uma oportunidade única de eu aprender a ser responsável.

— Então eu vou ser mais responsável fugindo dos meus problemas, é isso pai? — perguntei antes de sairmos de casa.

Você precisava ver como a cara dele ficou vermelha. Fechou as mãos tão forte que elas tremiam. Se esticou todo para ficar mais alto, para me intimidar. Para cobrir os vinte centímetros de altura que nos afastavam.

Seus dentes pareciam que iam ser enterrados na gengiva. Quase não dava para ver os seus olhos. E é quando só dá para ver uma listra fina do branco dos olhos que ele está para explodir. Faltava pouco para a boca espumar.

— Moleque, não me teste! — ele gritou.

— Hiroshi, não piora as coisas — intervém a minha mãe antes que ele me dê seus últimos cascudos, como uma despedida. — Tudo isso já não está sendo ruim o suficiente?

Ele anda olhando para baixo. Dá uma volta em nós dois. Irritado demais para ficar parado. Cabeça dura demais para se acalmar.

— A culpa foi minha. Toda minha! Eu deixei a tua mãe te mimar. Aí, você não criou juízo. Um tempo com a tua avó vai te fazer entender que a vida não é uma festa — foi o que me disse ao jogar no meu peito a passagem só de ida para longe da sua casa. — Use esse tempo para pensar no que vai fazer da vida. E só volte quando conseguir se sustentar.

Não, obrigado, papaizinho do meu coração. Eu vim preparado. Procuro as pílulas cor-de-rosa guardadas em um bolso escondido no fundo da minha mochila. É um remédio para enjoos fortes e para labirintite que eu comprei de um amigo que está fazendo veterinária.

Para falar a verdade, o Russo comprou na farmácia da esquina de casa. E nem precisou de prescrição médica. Eu pedi para ele porque estava trancado dentro de casa e o meu pai só toma remédios em caso de vida ou morte.

Eu o tirei da cartela, embrulhei em papel alumínio e escondi na mochila, só pela possibilidade de um funcionário achar que era droga e me impedir de entrar no voo. Duvido que o meu pai pagasse outra passagem. Ele não é do tipo que gosta de gastar.

O pior é que um funcionário brasileiro achou o papelote. Estava tenso. Pronto para me prender. Mas quando viu o “B6” gravado nos comprimidos, riu de mim e me devolveu.

— Minha mãe disse que um já está bom para várias horas.

Foi o que Russo me disse por mensagem, depois de passar a cartela por debaixo da porta. E foi assim que eu me despedi de um dos meus três únicos e grandes amigos. Com os outros dois eu não tive essa sorte.

Tomo três comprimidos para garantir que vou dormir até chegar ao Japão.

O avião decola e eu coloco os fones de ouvido. Dou *play* em um filme, mas o coloco no mudo. Só para não ficar preso na história e ter de esperar muito para que a minha consciência desligue. Robôs alienígenas gigantes contra dinossauros zumbis. Muita explosão, carnificina e falta de lógica. O material certo para escapar do meu confinamento.

Quinze minutos depois, quando o fóssil de um Tiranossauro Rex desperta em um museu – obviamente em Nova Iorque – as imagens começam a se fundir com um sonho acordado. Agora todos voam e querem abater o avião em que estou. Não sei quem vai vencer a disputa, os robôs gigantes, os dinossauros ou o meu pai. Fecho os olhos quando um dinossauro é derrubado e vai cair em cima de mim.

É quando o suor frio encontrou a náusea. Minha força desaparece imediatamente, e eu não sei se tenho energia para respirar. Minha mente apaga.

Em um momento, estou inventando frases para as personagens. No momento seguinte, o filme já acabou e estou tentando correr para o banheiro, sendo impedido pelo cinto de segurança. Me solto e tento me levantar de novo. Meus joelhos se dobram em um *eu acho que não*.

Eu me sento pela segunda vez. Talvez o meu vizinho esteja me olhando irritado. Ou preocupado. Ou talvez não tenha ninguém sentado do meu lado. Não tenho certeza, o rosto dele está embaçado.

Concentro as minhas últimas forças para me levantar e ir babando e tropeçando até o banheiro, onde apago imediatamente. Porta e olhos abertos. Vendo, mas não sentindo, a minha mãe vestida de aeromoça dar tapas no meu rosto enquanto tenta me reanimar.

E foi assim que eu quase morri um mês antes do apocalipse.

Aposto que você ainda não se deu conta das consequências de uma morte em pleno voo. Ainda mais, no meio do mar. Não é culpa sua. Talvez, você nem tenha ouvido falar do que é um avião.

Permita-me elucidar essa questão.

Muita coisa mudou depois do apocalipse. O Criador nos abandonou e levou os merecedores com ele, para o Céu – mas foram tão poucos que isso é irrelevante. Além disso, nossas tecnologias mais avançadas pararam de funcionar. Doenças e envelhecimento desapareceram. E a nossa pele ficou azul.

Por fim, quem continuou na Terra ganhou o *presente* da imortalidade. Quer dizer, ainda podemos morrer. Mas, quando isso acontece, renascemos no lugar da nossa primeira morte. Como se nada tivesse acontecido. Como se tivéssemos ganhado um cogumelo verde, se isso fosse um Super Mario Bros.

Caso tenha morrido em casa, sete horas depois, você retornaria ao conforto do seu lar. Se morreu em uma estrada, volta no meio da viagem. Se bateu as botas na mesa de cirurgia de um hospital antigo ou grande, você vai renascer com companhia.

Parece incrível. O sonho da vida eterna enfim conquistado. Bom demais para ser verdade, não?

Já imaginou o que aconteceria se você morresse dentro de uma aeronave voando?

Quando o Armagedom começasse, você renasceria a milhares de metros do chão. Ainda sem entender o que está acontecendo, você despencaria para a sua nova morte. Sete horas depois, renasceria e mais uma queda. Mais sete horas e você despenca para a morte outra vez. Em um dia, você morreria pelo menos três vezes. Pontualmente.

Se tivesse morrido neste avião, eu ainda estaria preso nesse ciclo infernal. Seria o verdadeiro castigo eterno. Até existem coisas piores, mas são poucas. Bem poucas.

Graças ao Criador que eu só tive uma alergia severa. Depois que vomitei diversas vezes e que algum estranho me fez massagem cardíaca e respiração boca a boca, estava novo em folha. E ainda fiquei cansado o suficiente para dormir o voo inteiro, mesmo tendo desperdiçado o remédio.

— Minha Nossa Senhora! — diz o eco da voz da minha prima no saguão, quieto demais, do aeroporto de Tokyo. — Pensei que você nunca ia sair desse avião.

Ela está segurando uma folha de papel com o meu nome. Como se eu fosse esquecer da sua cara de fuinha. Mas acabou perdendo o ânimo de levá-la quando eu finalmente apareci.

— Te fiz esperar muito, Ayka?

— Só três horas — diz acenando para a cadeira de rodas em que estou sentado. — Mas não é como se fosse culpa sua, não é?

Eu tento me levantar, mas o funcionário da companhia aérea empurra o meu ombro e eu caio de volta na cadeira. Ele recita dois *sumimasens* (desculpas) e meia dúzia de *arigato* (obrigado), o resto eu não entendo. Mesmo filho de japonês, o meu entendimento do idioma não vai além das poucas palavras que aprendi com Naruto.

O cara até sorri, mas é uma careta esticada que falha miseravelmente em esconder a irritação. Estou começando a acreditar que sua generosidade inicial está um pouco abalada pelo incidente do vômito na sua camisa.

E pensar que a gente teve um momento tão bonito quando ele foi designado para tomar conta de mim no avião. Quando três das aeromoças estimaram que eu

não havia mais nada para abandonar do meu corpo e me deixaram com ele para trocar seus uniformes.

Acabou que golfei no uniforme dele também. Só um pouquinho no seu ombro. Ele ficou chateado. Só tinha aquela roupa limpa e passada.

Como eu não estava mais correndo risco, tivemos que esperar todos saírem do avião para os socorristas me buscarem. E ele ficou mais duas horinhas me esperando na enfermaria do aeroporto. De tempos em tempos, entrava. Sempre olhando para o seu pulso. Preocupado com o meu horário, imagino.

Besteira dele. Se eu piorasse um pouquinho mais, acabaríamos pousando em algum lugar no meio do caminho. Ou voltaríamos para o Canadá. Aí, sim, ele estaria atrasado.

Ayka pega a mala do meu colo e anda do nosso lado, enquanto sou empurrado até o elevador. Ela está tão feliz quanto o bom rapaz.

— Tem como você falar para ele que eu estou bem? — peço, para evitar que eles unam seus descontentamentos e façam alguma coisa drástica comigo.

— Tem certeza? Eu não consigo te carregar não, hein! Você deve pesar umas duas toneladas.

— Nem vem com essa. Meu peso é normal para o meu tamanho. Você que é pequenininha do tamanho de um... — paro, arrependido. Era assim que eu a deixava transtornada quando éramos adolescentes. — Pode dizer para ele que eu estou bem.

Quando saímos do elevador, ela fala alguma coisa para ele. Ele a ignora e continua me empurrando. Ayka corre e se coloca à nossa frente. Fala um japonês violento com ele. Cheio de *arigatos* raivosos. E de sorrisos.

Ele abaixa a cabeça em silêncio para ela. E se vira para mim. Diz algo como *sumimasen* e dobra o seu tronco quase noventa graus. Quando se levanta, a raiva passou. Eu levanto com cuidado e ele puxa a cadeira para longe antes que eu possa conferir se as minhas pernas conseguem me suportar.

Foram as desculpas forçadas mais sinceras que eu recebi na vida. Mas eu acredito que somos inimigos mortais a partir de agora. Se isso acontecesse no Japão feudal, eu já teria sido decapitado.

— Olha, não é fácil irritar alguém no Japão — diz a minha prima balançando a cabeça. — Você está de parabéns, hein?

Dou o meu primeiro passo. Fico tonto, então, paro. Sorrio para ela para que não perceba.

— Aykazinha, você não vai acreditar. Parece que um passageiro do meu voo passou tão mal que a tripulação teve que ficar esperando ele ser examinado para sair. Ele teve até que fazer um teste toxicológico. E me disseram que a gente quase que teve que fazer um pouso de emergência. Só não fizemos porque estávamos no meio do oceano quando ele estava pior.

— É mesmo? E quem seria esse vacilão? — ela franze o cenho, e eu sorrio.

À nossa volta, todos me olham. Uns com pena, uns irritados e outros que dariam o braço direito para me matar devagar.

Eu sou a celebridade do voo, do aeroporto. Pelo visto, a fama realmente traz muita inveja. E nem dá para me esconder, já que sou o único negro no aeroporto. E sou bem mais alto do que qualquer outra pessoa por quem passei. Fora a cara de defunto assustado.

— Não faço ideia. Mas acho que ele está mais para um pobre coitado.

— Esquece — diz pegando a minha mala e minha mochila. — Deve ter sido um péssimo voo mesmo.

O alívio do peso me permite dar passos lentos. Ela finge que não repara, mas diminui a velocidade para ficar do meu lado.

— Para mim, foi normal. Tomei remédio para dormir e só acordei bem depois que o avião pousou.

— Eu estou vendo. Você nem está parecendo um zumbi...

— Ei! É assim que você fala de mim depois de três anos sem me ver?

— Ah, cala a boca e acelera que o próximo trem sai em dez minutos — ela dispara, estanca, vira e volta. — Você tem dinheiro para a passagem?

— Minha mãe me deu uns dólares e 20 mil ienes. Dá?

Parece muito. Mas eu suspeito que não seja, já que foi o meu pai quem comprou.

— Ótimo, então você paga o meu tíquete também.

conhecendo o presídio da vovó

— Por que você está irritada? — digo, depois de uma hora em silêncio encarando casas e mato passando pela janela.

Eu pensei que, assim que saíssemos do aeroporto, entraríamos em uma floresta de arranha-céus e letreiros luminosos. Nada disso. Comemorei quando um prédio de quatro andares apareceu.

Só depois que trocamos de trem que as construções ficaram mais frequentes. Que os prédios foram crescendo. Que a cidade, enfim, começou.

Quando falo, alguns me olham de cara amarrada. Eu mesmo me sinto estranho. Estou constrangendo a quietude de todos. Não há sons humanos. Só metal rangendo em metal. E um eventual virar de páginas – e até isso incomoda.

— É por que eu não quis pagar o trem expresso? Eu sei que ele chega na metade do tempo, mas custa o dobro. Não ia sobrar quase nada do dinheiro que eu trouxe. Sabe como é o meu pai. Ele não me deu quase nada. E ainda limpou a minha conta para pagar uma parte da passag...

— Nem tudo tem a ver com o seu umbigo não, garoto.

— Desculpa, eu não quis...

— Ah, esquece — ela diz. — É que hoje é o meu único dia de folga da semana. E eu perdi vindo te buscar. Eu tinha um compromisso, mas vovó sabia que você ia se perder. Então, eu desmarquei para que ela não precisasse vir.

— Não precisava. Eu consigo me virar sozinho.

— Kaito, você quase entrou no trem errado. Duas vezes. E eu estava do seu lado! — ela levanta a voz, e as pessoas a repreendem com o olhar. Ela se aproxima e sussurra — Fora que você não sabe japonês nem inglês, é horrível de localização e, mesmo que fosse bom, não tem nem o endereço da casa da vovó.

— Eu me viro no inglês. E ninguém me deu o endereço...

— Viu?

— Ei! Não é como se tivesse tido tempo para me preparar. Meu pai tirou o meu visto em segredo e comprou a passagem no mesmo dia em que ele saiu. Eu acordei sendo expulso de casa. No fim da tarde, eu já estava no aeroporto. Eu nem sei o que tem na minha mala.

— Eita. Pelo menos eu tive dois dias para me despedir.

— Eu não.

Tudo o que pude fazer foi trocar algumas mensagens com os meus amigos, receber o remédio quase-assassino do Russo e ligar para Clara. Meu pai não queria me deixar falar com ela, a culpando pelas besteiras que eu fiz. Mas a mamãe colocou o seu telefone na minha mão. E me mandou ligar.

Clara não entendeu por que eu tinha que ir. Sendo maior de idade, a decisão era minha. Teoricamente. Ela disse que ia lá em casa confrontar o meu pai por mim. Se foi, não chegou a tempo. Eu não consegui vê-la.

— Vamos mudar de assunto — peço. — Me diz uma coisa, por que você só tem um dia de folga? Isso não é o padrão daqui, não, né?

— Um dia? Não, Kai, eu só tenho meio dia de folga. Eu já trabalhei hoje cedo. Entre as aulas da faculdade, as horas sem fim de estudo e o turno no restaurante da vovó, não sobra quase nada livre. Mas vai melhorar para mim assim que você começar a trabalhar.

Quer dizer que aquela velha sovina ainda continua explorando os seus empregados. Pior, eu vou ser um deles. Essa deve ser a maneira que minha avó vai me fazer *entender que a vida não é uma festa*.

— Fico feliz por você.

Meia hora e dois metrô depois, chegamos em uma casa de dois andares em uma ruela em que uma caminhonete, dessas de cabine dupla, não passaria. A rua tem pouca iluminação, e a casa não tem portões. Se fosse no Rio, esse seria o *point* do assalto certo.

A fachada é pintada de preto, e o resto das paredes externas é revestido de tijolos cinza escuro. Tijolos falsos. São painéis feitos de plástico. Não há janelas no andar de cima, e o teto é baixo. Tudo é muito reto, seco. Aqui, como lá em casa, é o custo-benefício quem impera.

Na frente, não há portas. Não há necessidade para elas. O restaurante nunca fecha. Para separar o ambiente interno do lado de fora, há uma cortina com dois pedaços espessos de pano branco que chegam à minha cintura. Há algo escrito em tinta vermelha. Diversos *kanjis* em cada banda.

Esse é o temível restaurante 24 horas da minha avó – minha prisão pelos próximos meses. Sentença: trabalhos forçados. Possibilidade de açoitado: existente.

Um cara de terno entra, e, no movimento dos panos, vejo que o restaurante está cheio. Segundo os meus cálculos, passam das oito da noite. De um sábado. Ainda assim, quase todos estão em seus ternos pretos. Mesmo as mulheres. Não dá para acreditar que eles estavam trabalhando até uma hora dessas em um sábado. Esse país me enche de medo.

— Vem — Ayka me puxa pelo braço.

Seguimos para os fundos. Do lado de uma lixeira gigante, na frente de duas máquinas de refrigerantes e chás de marcas concorrentes, ela abre uma minúscula porta de metal. Até ela quase precisa abaixar a cabeça.

Entramos na cozinha e os dois cozinheiros nos cumprimentam de uma forma entusiasmada, exagerada. Eles se dobram em uma saudação e, meio segundo depois, não estão mais interessados em nós.

Subimos uma escada em caracol à esquerda da cozinha. Eu empurrando a mala, e a Ayka puxando. A cada passo meu, a estrutura balança perigosamente.

Ao chegar no topo, tiramos os nossos sapatos e passamos por três quartos. O primeiro, de porta trancada, é o da minha avó. O segundo não tem porta, só uma cortina preta fina. O terceiro nem pano tem.

— Esse é o seu — ela diz.

— Nem precisava falar. Por acaso vó Hina estava devendo à Yakuza e precisou vender o pano do meu quarto para pagar a dívida?

— Vovó tirou e guardou para você não ter privacidade. Ela não vai deixar que você faça besteira nenhuma enquanto estiver aqui.

— Ela é um amor...

— De fato. Só quem ama muito — diz a minha avó atrás de mim — perderia tempo da própria vida para cuidar de um neto tão mimado e malcriado.

Me viro para ver a minha avó, que – eu tinha me esquecido – consegue andar tão silenciosa quanto um ninja. Faz cinco anos que não a vejo e ela não parece ter envelhecido um dia. É como se ela tivesse sido congelada em sua carranca de desaprovação.

— Bom, depois dessa, eu vou para o meu quarto — diz Ayka. Ela entra e fecha a cortina sorrindo.

— Vó Hina! — abro os braços. — Quanto tempo! A senhora está ótima!

Ela permanece imóvel. Julgando se eu sou digno do seu abraço.

— Se você não vier, eu vou até você! — ameaço. — Aí, vai ser pior. Eu só vou te soltar amanhã.

Ela sorri. E vem. E me abraça.

— Seu cretino! Você nunca veio me visitar. Quando finalmente vem, eu tenho que ser a disciplinadora. A única função de uma avó é estragar o neto.

— Verdade, vó. E eu estou pronto para ser estragado pela senhora. Não tem necessidade de te dar trabalho. O meu pai exagerou. Foi tudo um mal-entendido.

— Então você não foi expulso da faculdade? Além de ser demitido? Tudo isso na mesma semana?

— Tecnicamente, isso realmente aconteceu. Mas não foi tão ruim assim...

— Você não foi pego invadindo o servidor da universidade com o computador do trabalho?

— Falando assim, parece que eu sou um criminoso, vó. Eu só queria provar que o site era vulnerável. Nada além disso — encho o pulmão e bato a mão duas vezes no peito. — Meu objetivo foi mostrar como eles poderiam melhorar. Aprendizado mesmo, sabe?

— Muito nobre o meu netinho. Que orgulho. Bom, se foi só isso, então está tudo certo — os cantos da sua boca se levantam, mas eu não chamaria isso de sorriso. — A questão é que me disseram que você alterou as suas notas.

— Esse pessoal fala demais e pensa de menos — digo. E ela entorta a cabeça e percebo que fiz errado. Ela não aceita que ninguém fale mal dos seus filhos. — Vó, eu mudei o meu boletim, mas eu não melhorei nota nenhuma. Eles dão as notas de 0 a 10 e eu troquei por letras!

— Não foi o que me disseram...

— Disseram outra coisa porque eles não pararam de gritar um minuto para conseguir me ouvir — a voz se levanta, mas eu seguro a minha irritação. Minha avó não tem nada a ver com isso. — Vó, eu não fiz nada que me beneficiasse. Muito pelo contrário. Dupliquei as matérias e todas as minhas notas ficaram inválidas. Eu ia repetir o semestre duas vezes seguidas.

— Então por que você fez uma sandice dessas?

— Foi uma declaração de amor — me sento na mala, derrotado. — Só isso. Eu escrevi “Te amo Clara” no meu boletim. Eles me expulsaram sem nem perceber isso.

Espero os gritos do meu pai saindo dela. Eles não vêm. Ela agacha na minha frente e se senta nos calcanhares. Eu me sento no chão, apoiado na parede.

— E o que essa tal de Clara achou disso?

— Eu não tive tempo de mostrar para ela...

— Tempo ou coragem?

— Nem um. Nem outro.

— Bom, você não é desonesto nem burro, o que me enche de alívio — ela se levanta. — Mas é muito tapado, coitado.

Ela se vira e entra no seu quarto. É o seu sinal de que terminamos a conversa. Eu arrasto a mala até o meu.

De fora, é um cômodo pequeno. Mas, assim que você entra, entende como ele é muito menor. Lá dentro, só tem um *futon* – aquele colchão baixo que é muito comum no Japão – e uma pequena cômoda. Nada mais. Sem janelas. Sem escrivaninha. Sem armário. Sem televisão. Fora o caminho para andar, não há espaço sobrando. A mala precisa ficar encostada na cama.

Me deito no colchão. Os pés ficariam para fora da cama se ela não fosse encostada na parede. Só posso me esticar no quarto ao me deitar na diagonal.

— Esse seu tamanho não é normal por aqui, Kaito — diz a minha avó sob o portal vazio. — Se você não cabe, a culpa é da sua mãe, que é gigante.

— Vó, o que você acha de a gente combinar de você não falar mal da minha mãe e eu não falar mal do meu pai?

— *Touché*. Melhor mesmo. Porque eu vou partir essa sua cara risonha se você falar mal do meu filho na minha frente.

— E eu te vou abraçar e só vou te soltar quando você elogiar a minha mãe.

— Não sei o que seria pior.

— Ei!

— Por falar em tamanho, você deu uma bela engordada desde a última vez que eu te vi.

— Vó! Isso é coisa que se fala?

— É sim e, a partir de amanhã, você está de regime. — Ela joga uma muda de roupa preta para mim. — Toma. Dorme logo que o seu turno é amanhã de noite.

— Turno de quê?

— No restaurante, obviamente. Você precisa trabalhar para pagar a sua estadia.

Esse é aquele momento em que você tenta antecipar para se preparar, mas nunca consegue. Como eu vou trabalhar em um restaurante sem saber falar japonês?

— E eu não vou ter nem um dia de folga, não é?

— Não.

— E o fuso horário?

— Você vai descansar o suficiente se dormir agora. Então, nem pensar em ligar o computador ou ficar no celular.

— O pessoal fez um relatório completo, hein?

— Lógico. Na dúvida, vou desligar o disjuntor aqui de cima. Boa noite.

Não sei se ela está falando sério ou se é o seu jeito de zoar com a minha cara, mas, ao sair do quarto, ela desliga a luz.

Pego o celular do bolso. Três por cento de bateria e eu não tenho o adaptador da tomada – que deve já ter sido desligada. Uso a lanterna para abrir a mala e pegar um pijama. Me troco rápido, debaixo do lençol, com medo de alguém entrar no meu quarto.

Com o resto de bateria, quero mandar uma mensagem para a minha mãe e para Clara. Dizer que eu cheguei bem para elas não se preocuparem. E porque eu estou com saudade das duas.

Queria ter mandado a foto do meu boletim alterado para Clara. Eu acho que ela ia gostar. Talvez, ela sentisse o mesmo que eu. Talvez, eu pudesse morar uns tempos na sua república sem ninguém perceber.

Eu mostrei para a mamãe. Ela achou romântico. Disse que Clara também ia achar. Mas disse que seria crueldade se eu mostrasse a ela antes de ir, já que eu ia passar pelo menos um ano fora.

Eu enviaria a foto assim mesmo. Se eu tivesse coragem. Um relacionamento à distância com ela é melhor que nenhum. Fora que é o *talvez* que me tira o sono.

Digito um “cheguei bem, mãe”, mas a mensagem não é enviada. O celular não tem sinal, e eu não tenho a senha do wi-fi.

Me levanto e vou no quarto de Ayka. Se bobear, ela tem uma base de carregador sobressalente para me emprestar. Abro o pano-porta e entro.

— Priminha querida, qual é a senha da internet?

Dentro do quarto, ela está nua. Olhos arregalados e braços tapando as suas partes. Cara de quem vai me matar. Devagar.

— O que você está fazendo aqui?

— Foi mal, foi mal — me viro no susto, trombando a testa na parede e despencando de lado no seu futon. Com a cabeça em cima da sua coxa.

— Sai daqui Kaito — diz se levantando e correndo para o banheiro sem ter braço suficiente para tapar a parte de trás.

as primeiras mortes minhas

Bom, eu já te mostrei a minha sétima morte. Aquela em que eu fugia rastejando pela rua, perseguido por Sayuri – a garotinha de seis anos que se transformou em um *ghoul* sanguinário e cheio de garras. Eu acabei me mijando todo enquanto ela mastigava a minha orelha decepada. Você lembra, não lembra? Eu sou assim. Inesquecível.

Você não se recorda? Mas eu acabei de te contar.

Foi aquela em que tentei arrombar uma porta de vidro e quebrei o ombro. Eu vi tanta gente fazendo isso nos filmes. Parecia tão fácil. Não tem como esquecer da minha cara de descrença. Impossível.

Nada? Como assim você não lembra de nada? Que tipo de cérebro você carrega no crânio?

Azar o seu. É uma morte que eu gosto muito. Envelheceu bem com o tempo. Fica cada vez mais engraçada.

Bom, morte minha para te mostrar é o que não falta. Essa fica para depois. O importante é que você guarde nessa sua cabecinha oca que a sétima morte é especial. Dizem que é nela que você decide se vai continuar sendo esmagado pelo Inferno ou se vai se levantar e enfrentá-lo.

Foi quando eu olhei para Sayuri, impotente, incapaz de me defender ou de me vingar, ferido, cansado, humilhado, implorando pela ajuda dos outros e, ainda assim, querendo sacrificar a vida deles para me salvar. Foi quando algo mudou em mim. Como um clique.

Foi rezando por uma boa morte, pela misericórdia de um Criador que nos abandonou, que entendi a resolução de Ayka. Ela, mesmo antes da sua primeira morte, optou por enfrentar o Inferno de cabeça erguida. Morrendo. Sofrendo. Resistindo.

Vai ver que foi por isso que ela foi a minha primeira assassina. Uma espada enferrujada enfiada no meu peito. Me olhando nos olhos. Sem qualquer sinal de arrependimento no rosto. Talvez um pouco de impaciência pelo meu desespero.

Eu imaginaria meu pai fazendo esse tipo de coisa sem pestanejar. Não. Ele me jogaria da janela – rápido, prático e não suja a casa. Mas nunca pensei que minha prima fosse capaz de usar uma lâmina toda dentada para rasgar pele, carne e cartilagem, até chegar no coração.

Pensando melhor, ela estava bem irritada comigo naquela noite. Então, dá para entender sim.

Eu nem vi quem me matou pela segunda vez. Eu estava correndo. Fugindo. Desesperado para me salvar. Acreditando que, se saísse da cidade, eu estaria seguro.

Nesses momentos de crise, quem tem a calma de analisar a situação e ponderar os possíveis riscos, sai muito na frente. Eu tinha uma informação privilegiada e não usei. Mesmo tão afastados, Brasil e Japão foram igualmente afetados pelo renascimento dos mortos.

Se eu tivesse a serenidade de considerar isso, teria me escondido no porão do restaurante. Não estaria correndo em uma das maiores avenidas de Tokyo, no meio de uma multidão de desesperados. Na ânsia de fugir, me expus. Escolhi ser um alvo fácil.

Em um momento, eu estava sendo empurrado. No seguinte, estava perseguindo uma família de vivos, decidindo se devia salvá-los ou os comê-los. No outro, minha cabeça rolava pelo asfalto.

Minha terceira morte foi, também, a primeira vez que Sayuri brincou comigo. Eu estava escondido no porão de uma casa em ruínas. Fiz uma barricada na porta e estava decidido a esperar ali, sozinho e sem comida, até o apocalipse acabar.

— Estou sentindo cheiro de medo — foi o que ela me disse quando arrombou a porta e a cômoda que a escorava e enfiou a cabeça no meu esconderijo.

Ela era ainda mais forte e monstruosa do que na minha sétima morte. Tinha quase a minha altura e escamas roxas – que pareciam com as de um dragão de *ToA*, meu jogo favorito – nos braços e no rosto, com algumas escamas avermelhadas salpicadas. O resto da sua pele era azul marinho. Ela devia ter umas 300, 500 almas. No mínimo.

O que isso quer dizer?

Que, especificamente naquela vida, ela já tinha assassinado pelos menos 300 pessoas. Azuis e humanos, não importa. É matando que se fica mais forte no fim dos tempos. Cada morte é uma alma colecionada. Cada alma colecionada modifica um pouco o seu corpo. Te deixa mais apto a matar.

E como ela estava mais fraca na minha sétima morte?

Ué, quando você morre, você perde as almas que colecionou. Renasce zerado, como um azul fracote. Um *uma-alma*.

Pense em um jogo de videogame. Você vai fortalecendo o seu personagem, ganhando habilidades especiais, armas, armaduras. Você vai passando de nível. Só que não tem *save* nesse jogo. Quando você morre, é como se você perdesse todo o progresso. Você volta ao nível um, fraco, sem armas, nem nada.

Aliás, a Grande Catástrofe parece muito com um jogo de RPG, o mais massivo deles, 100 bilhões de jogadores. É como se ToA fosse completamente imersivo e ambientado no mundo real. Essa foi a grande sacada de Ayka – que eu demorei demais para aceitar.

— Se você é bom em ToA, — ela disse bem depois, tentando me acalmar — vai ser bom jogando esse maldito RPG do Inferno.

Como eu ainda não sabia disso, morri gritando como uma garotinha assustada. Não que a garotinha de seis anos à frente fosse concordar com a minha comparação.

Minha quarta e quinta morte, juntas, não me acrescentaram sessenta minutos de vida. Sayuri estava me esperando. Eu apareci e ela quebrou a minha coluna para eu não fugir. Então, mastigou minhas orelhas, meus dedos. Usou as garras para desenhar sois e arco-íris na minha barriga. Em resumo, brincou um pouco comigo. Me fez esbravejar bastante. Me fez implorar. Então, se cansou da gritaria e me abriu para me ver vazar.

Na quinta morte, eu estava no chão, chorando e observando meu sangue azul escorrendo lentamente pelos buracos que Sayuri tinha cavado. Ela tinha um focinho grande, com presas do tamanho do meu falecido mindinho. Todas as suas escamas eram vermelhas. Ela matou muita gente no tempo em que eu fiquei preso na caverna. Mil, talvez.

Mas já estava entediada.

Enquanto as suas garras dilaceraram minhas entranhas, eu vi meu anjo da guarda chegando. Ela tinha cabelo comprido e preto contrastando com as asas

brancas de um arcanjo. Vestia um corpete de cobre tão polido que refletia. E carregava uma grande espada preta nas mãos.

A lâmina partiu o corpo de Sayuri ao meio sem facilidade e encravou-se no chão. Ela deixou o cadáver e a arma para trás e me pegou nos braços.

— Na próxima vida, você tem que ter mais coragem, hein Kaito — me disse enquanto eu desfalecia. — Ou você esqueceu que tem uma pessoa para salvar?

Na sexta morte, eu tomei as rédeas da situação. Se era de coragem que eu precisava, coragem eu teria.

Em um monte de escombros, achei uma pedra pontuda. Fui até a rua e a afiei no asfalto. Quando ela conseguiu furar o meu dedo com facilidade ela desapareceu. Desgraça de armas que somem.

Achei outra pedra e repeti o processo. Quando acreditei que ela daria conta do trabalho, eu a enfiei no peito. Devagar. Um centímetro a cada segundo ou dois.

Deixei a dor me preencher, mas não o desespero. O medo, mas não a hesitação. Essa vida foi minha. Absolutamente minha. E essa morte também.

Lembrando ou não, você já conhece a minha sétima morte. Já me viu rastejando pela rua, fugindo de uma criancinha. Já conhece o seu final, mas não conhece o início. Ainda não te mostrei a minha sétima vida. E sete, não se esqueça, é um número especial nesse mundo. Para a morte e para a vida.

Minha sétima existência também foi breve e trágica. Porém, foi a primeira em que eu toquei na coragem que me fez ser conhecido. Um toque rápido e revigorante.

Surgi no lugar de sempre – onde morri pela primeira vez. O restaurante não existia mais. Então, eu caí do segundo andar. Mas estava preparado – o restaurante estava em ruínas desde a minha terceira morte. Abri os olhos e sabia o que fazer.

Não havia ninguém perto dos escombros. Contudo, ouvia os rosnados do meu avô e os lamentos da minha avó. Ajoelhei e rezei pela alma dos dois. E peguei duas pedras robustas.

Visitei o meu avô primeiro. Desde o primeiro dia do apocalipse, ele estava preso pelos pés e braços por cordas firmes. Dentro de uma pequena caverna feita de paredes e tetos. Aos poucos, foi transformado pela fome em um bicho irracional. Rosnando e babando como um cachorro raivoso.

Eu entrei e ouvi os seus dentes batendo, mordendo o ar. Desesperado para morder um pedaço da minha carne.

Nada do que o meu pai enchia tanto o peito para me contar estava ali. Aquela honra justa e altruísta que só um japonês criado no Japão conseguia desenvolver. Cadê essa integridade toda agora, pai?

Não há honra no cárcere. Sobra só o desejo de sobreviver e a ânsia por morrer uma boa morte.

Seus olhos empapados pediram ajuda. Minha ajuda. Ainda que ele quisesse, não poderia se matar. Ele precisava de mim e da minha pedra.

Precisava renascer. Livre, novo. Só então poderia evoluir o tanto necessário para começar a pagar pelos pecados que cometeu. Pelos crimes que meu pai não conheceu.

Vó Hina estava trancada no porão. Presa lá desde que o meu avô reapareceu. Sobreviveu por um mês sem comer, morreu, renasceu e continuava trancada, resignada.

Antes de sucumbir à loucura da fome, pediu à Ayka que usasse correntes e cadeados grossos para lhe trancar. Obediente, foi o que minha prima fez.

Uso a segunda pedra para destruir o cadeado. Assim que ele abre, a pedra some. Eu pensava que só as ferramentas usadas para matar ou para ferir desapareciam. É mais amplo do que isso. Qualquer ferramenta de destruição só pode ser usada uma vez. Para deixar o jogo mais interessante, imagino.

Lá dentro, quase não reconheço a Azul de uns vinte e poucos anos. É como a minha avó quando ela era jovem. A mulher da sua foto amarelada de casamento, com a pele azul. Ela é muito bonita. Seus traços me lembram de Ayka, e de quanto tempo eu não a via.

O corpo humano de vú Hina não estava mais no cômodo – o que quer dizer que ela se alimentou do próprio cadáver. Melhor assim. Grande parte da loucura é evitada comendo-se o próprio corpo. Fora o mal cheiro de carne podre em um quarto fechado.

Contudo, ela ainda estava com fome. Então, joguei para ela um pedaço da coxa azul do meu avô.

Não é o ideal, não faz bem, mas tem o que ela precisava para recobrar o mínimo da consciência. E, quando isso aconteceu, ela chorou muito.

— Cadê o seu avô?

— Ele morreu — digo descendo os degraus. — Estava precisando de um recomeço.

— Eu entendo, eu entendo — acena, encolhida. — E você veio aqui me matar também, querido?

— Nunca, vó — me sento no chão, do seu lado. Acaricio os seus cabelos, como ela fez tantas vezes comigo. — Eu vim para te tirar daqui. Você já ficou muito tempo sozinha.

— Eu mereço ficar trancada aqui. Eu fiz uma coisa horrível, Kaito. Se você soubesse o que eu fiz, não tinha vindo.

— Vó, todo mundo diz que isso aqui é o Inferno. Eu não acredito. Para mim, isso é o Purgatório. Eu acredito que nós temos que corrigir os nossos erros e evoluir — seguro a sua mão e ela me olha nos olhos pela primeira vez. — E, mesmo que este seja mesmo o Inferno, ainda é o certo a se fazer. Você tem que encarar os problemas. É o que a senhora falaria para mim se estivesse na minha posição.

— Sempre fui uma criatura hipócrita.

— E eu, um covarde. E egoísta.

— Mas eu não mudei...

— Nem eu. Ainda — puxo a mão dela e a faço se levantar. — Mas eu quero ser o herói que eu fingia ser nos meus jogos. Um herói corajoso e altruísta. E forte. Muito forte. Eu não quero mais ser o fracote que eu sou.

— Um minuto.

Ela corre para uma pequena cômoda e abre a gaveta. Retira uma muda de roupa com a minha camiseta verde. Tem até um par de meia e tênis.

— Para te dar sorte.

Me visto, e caminhamos até a base da escada. Ela para, olha lá para cima. Tenta dar um passo para trás. Eu a impeço com as mãos e empurro levemente as suas costas. Ela me olha. Eu aceno com a cabeça. E ela sobe o seu primeiro degrau desde que o apocalipse aconteceu.

trabalhos forçados e pouco sono

Você acredita que eu fui acordado com chutes na perna?

Está bem, não foram chutes fortes. Foram mais empurrões leves e constantes com a sola do pé. Mas quem acorda uma pessoa com o pé? Resposta: Ayka, quando está furiosa.

Assim que eu abri os olhos assustado, achando que fui atirado para fora do avião pelo meu arqui-inimigo – o comissário de bordo vomitado – ela saiu do meu quarto. Pelos seus ombros angustiados, deu para reparar não estava feliz comigo.

— Espera — levanto rápido e seguro a sua mão.

— O que foi? Vai querer me zoar de novo?

— O quê? Não. Por que eu faria isso? Quando que eu te zoei?

— Fala o que você quer dizer e me solta.

— Bom, é... — *Tira logo o band-aid, querido, para poder parar de doer*, mamãe me dizia quando eu era pequeno. — Desculpas por entrar no seu quarto ontem sem bater.

— E... — Ela cruza os braços.

— Por ter te visto pelada — digo com a cabeça queimando. — Não era a minha intenção.

— E qual era a sua intenção?

— Pedir a senha da internet e a base do carregador.

Ela me encara por, pelas minhas contas, trinta e seis segundos, avaliando a minha sinceridade.

— Ok. Eu vou acreditar em você. Mas, se você der uma de virjão tarado de novo, eu vou destruir a sua cara, hein?

— Eu não sou virgem! — rebato e me arrependo. Só tem uma categoria de gente que usa essa frase: os próprios virgens.

Ela não fala nada. Franze o rosto todo para conter o incontável. Então, abre os olhos e sorri até com eles.

O riso evolui. Ela se dobra em uma gargalhada feliz como poucas. Despreocupada. Daquelas que te rouba o ar e te faz acreditar que você pode morrer, mas que vai valer a pena.

Isso machuca a minha delicada autoestima.

Depois de um banho gelado, estou energizado. Mentira. Parece que eu fui atropelado por um trem. A moleza que eu sinto só pode ser efeito do fuso horário. Porque, se ainda for efeito dos comprimidos, eu vou ter que explicar a um médico japonês o que aconteceu. E eu não sei se a minha mímica permitiria.

Coloco o uniforme. Exatamente do meu tamanho. Certeza de que mamãe passou as minhas medidas para que minha vó o comprasse. Tudo para eu não perder um dia de trabalho sequer. Como eu sou sortudo.

No meio da escada em espiral, bato a cabeça em um degrau e desço os últimos três sentado, quicando. Os dois cozinheiros que trabalham na cozinha tiram três segundos de folga para rir antes de voltar a encher as várias cumbucas dos seus pedidos. Fico orgulhosos em trazer alegria para essa gente oprimida. Espero que algum dia eles façam o mesmo por mim.

— *Food?* — peço massageando a barriga. Não sei que horas são, mas devo estar quase a dois dias sem comer. Acabou que eu não comi na viagem. Comida de avião me deixa enjoado.

Eles me olham em desespero. Se dobram e arremessam vários *sumimasen*. Não entendo por que eles estão me pedindo desculpas. Todo mundo aqui pede desculpas o tempo todo.

— *Itadakimasu?* — pergunto, na esperança dos meus conhecimentos de *anime* serem o suficiente para conseguir um prato de comida.

Um deles deixa a cabeça tombar para o lado e me olha como se eu fosse a criatura mais burra do universo. Um misto de assombro e pena.

— Ô! — o outro, o tal de Tadashi, tem uma revelação divina e faz o gesto de segurar uma cumbuca perto da boca e puxar a comida imaginária com a mão.

— Sim! Yes! *Oui!* — respondo animado. Meu estômago tremendo de ansiedade. Não importa o que eles me derem, eu como.

— *Sumimasen* — diz ao cruzar os braços em X.

— Por que não?

— Porque nós somos proibidos de comer na cozinha — diz a minha prima ao entrar pela porta da frente. — Se vovó pegar alguém comendo aqui, ela demite os dois cozinheiros do turno.

— Ayka, eu preciso comer. Não dá para trabalhar sem comer. Eu estou falando sério, não dá.

— Então, vem comigo, se senta na mesa como um cliente normal e compra o que for comer.

— Eu vou ter que pagar para comer na casa da minha avó?

— Não, você vai ter que pagar para comer neste restaurante que, por acaso, é da *nossa* avó. E é esperado que você seja um exemplo, já que é da família. Por favor, não faça besteiras no salão.

Entre a afronta de Ayka e a fome que sinto, quem vence é a fome. Sigo minha prima pela porta dos fundos, contornamos o prédio e entramos pela porta da frente.

Por dentro, o restaurante é menor do que eu imaginava. Apenas dois mesões onde todos se sentam juntos. Bem juntos. 60 pessoas. Uma pessoa do meu tamanho não fica confortável nem na cadeira nem, na mesa. E uma pessoa da minha cor não fica confortável com os olhares.

— Deixa esse povo para lá. Eles não estão acostumados com... você sabe... afrodescendentes. Nem com gente alta. Nem com um negro gigante de olhos puxados.

— E quem está, né? — pisco para ela e repito a animação fictícia que a minha mãe me ensinou. — Como é que se come nessa terra? Cadê o garçom?

— Não tem garçom. Você pede pelo *tablet* e a comida chega pela esteira.

Foi então que eu vi que no centro dos mesões tinha uma esteira que conectava as duas mesas com a cozinha. Na nossa frente, a esteira para, e um jovem de terno pega uma vasilha de *ramen* – uma sopa de macarrão. Minha prima aponta para um pequeno *tablet* que estava esse tempo todo na minha frente e eu não vi.

Como um restaurante tão tradicional, que está na família por três gerações, pode ser tão tecnológico eu não sei.

Ayka pega uma toalha quente em um pote que aparece na nossa frente, e acena para que eu pegue o meu. Ela lava as mãos nele e eu a imito. Ela pega o computador, eu também.

Não consigo ler nada.

— Eu não sei japonês.

— Então troca o idioma. Tem português também.

O prato chega em cinco minutos e já estamos com nossos *hashis* prontos. Agora dá para entender o desespero dos cozinheiros. Só duas pessoas servem sessenta lugares em um rodízio frenético de gente entrando e saindo.

Mas a comida é muito boa. Macarrão ao dente. Caldo cheio de textura e sabor. Ovo com gema mole, mas não demais para ficar nojento. Tirando a mísera fatia de carne de porco, nunca comi um *ramen* tão bom no Brasil. Nem quando eu morava em São Paulo. Não vejo a hora de provar *sushi* daqui. Clara ia adorar a comida.

Terminamos em 15 minutos bebendo o resto das nossas cumbucas. Sem a minha mãe por perto, imito os locais. Ela ficaria horrorizada com o barulho que fazemos.

Ayka nem precisa dizer para eu me levantar. O revezamento de cadeiras à nossa volta tinha me deixado nervoso. Fora a fila de espera. Ninguém me olhou com cara feia. Por isso mesmo, eu queria me levantar. Para não desapontar os desgraçados que eu nem conheço.

— Vamos — ela me puxa para o caixa.

Como um pedido de desculpas, eu pago a conta de Ayka, além da minha. Não sobra quase nada na carteira. Menos de quatro mil ienes. Um pouco mais do que duas refeições. Tenho que trocar meus dólares logo. E, o pior: tive esse prejuízo e ela nem me agradeceu. Deve estar chateada de verdade.

Alheia à minha angústia, ela conversa animada com a garota que está no caixa, a tal da Fumico. Ela deve ter a nossa idade. Pelos sorrisos, imagino que as duas sejam próximas. Isso me lembra que eu não tenho amigos aqui. Se eu só tinha três no Rio imagino quantos eu terei sem poder conversar com ninguém.

A garota tira o seu avental e o entrega para minha prima. Vai embora e acena com a cabeça para Ayka. Um sorriso e dois acenos na minha direção. Fico com a impressão de que ela gostou de mim.

Vamos para trás da caixa registradora, um monstro de ferro fundido que foi fabricado pelo menos 50 anos atrás.

— Por que vocês não usam um computador?

— Porque isso é só para guardar o dinheiro. A conta é automática e chega pelo nosso *tablet*.

Ela tira o aparelho do bolso do avental que recebeu.

— O cliente vai te entregar uma ficha com o número do seu assento. Você digita aqui e mostra o valor para o cliente. Ele paga e você dá o troco exato. Nem mais nem menos. Não existe gorjeta aqui. É ofensivo. Muito menos erro de conta, hein!

— Ok.

— As informações importantes vão para o computador da vovó. Ela desce e faz a conferência do caixa duas vezes por dia. É melhor você não errar, senão vai ter que pagar e ouvir cinco dias de esporro.

— Nossa, que furada que me meti — digo. — Tudo bem. Vou escovar os dentes e já volto.

— Seu expediente já começou, mocinho.

— E eu não posso nem ir ao banheiro?

— Você tem dez minutos a cada três horas.

— Você está de sacanagem, né?

— Parece que eu estou brincando? — ela diz, séria e irritada.

— Você me lembra do meu antigo chefe — digo com um sorriso morto.

Ele tinha paciência zero com os novatos. Foram seis meses sendo pisado durante o dia e sonhando com a sua morte agonizante durante a noite. Eu não tenho muita sorte com chefes. Não. Eu não tenho muita sorte. Ponto.

— Sua primeira cliente chegou — ela diz para mim e então se vira e sorri, cumprimentando afetadamente a mulher, fazendo uma pequena reverência e pegando a ficha com as duas mãos.

— Digita 62 aí. — diz com a sua voz normal. Eu obedeço. — Deu 1390 ienes. Abre a caixa no botão cinza e pega o troco para dez mil. Pega 8610 ienes aí. Não, idiota, pega o dinheiro da cliente primeiro. Não é para tocar nela. Estende a bandejinha. Isso — a freguesa deposita o dinheiro na bandeja. — Agora, pega o troco. Rápido. É indelicado fazer um cliente esperar.

As notas são fáceis – uma de cinco mil e três de mil. Mas eu não sei nem por onde começar com as moedas. Coloco uma moeda de cada tipo na palma da mão. Acho uma de dez e estico a mão para entregar à cliente. Ela me olha confusa. Acho uma de cem. Pego seis e entrego para ela.

— Vai ficar com as notas para você ou vai entregar também? — pergunta Ayka.

As notas não estão mais em cima das teclas da caixa registradora. Olho para a bancada, para a bandeja, para o chão. Elas estão no chão. Abaixo, pego e entrego

para a mulher que sorri de desgosto. Como se quisesse entender como é possível que exista alguém tão idiota na face da terra.

Quero lhe dizer que eu consigo fazer maravilhas em um computador. Que eu já invadi diversos sites, que eu brincava de hacker antes mesmo de entrar na faculdade. Que eu era o melhor aluno do curso de programação. Que estava melhorando na faculdade e, logo, ia ser o melhor lá também. Até Clara, que é brilhante, ficava impressionada com o que eu sei fazer.

Mas só há uma coisa a ser feita.

— *Sumimasen* — digo abaixando a cabeça.

Quando eu me levanto, ela já se foi e eu tenho uma fila de cinco pessoas para atender.

O primeiro dia é uma sequência de clientes, erros e moedas caindo no chão. Me embolo tanto que uso as duas pausas do banheiro para diminuir a fila. Quando vó Hina aparece, não diz nada para mim. Quando está no salão, apenas se dirige aos clientes. Agradecendo a preferência e pedindo desculpas, imagino.

Quando eu tenho um mínimo de controle da situação, Ayka me abandona e vai ajudar na cozinha. Meu turno acaba às quatro da manhã e a minha vó assume o meu lugar. Tem poucos clientes e a minha barriga está roncando.

— Pega um *ramen* por minha conta — vó Hina pisca para mim quando não tem ninguém olhando. — Come e vai dormir. Amanhã é um novo dia e você pega às oito da noite de novo.

Eu devoro a cumbuca como um zumbi. Subo e tomo um banho rápido naquele banheiro de bonecas. Todo de plástico, todo pequeno. A um tropeção de eu o partir no meio. A ducha – que é um chuveirinho pendurado – bate na minha testa. Abaixar é preciso.

Como ele não tem cortina separando a ducha do restante do banheiro, eu molho tudo. Inclusive a toalha de banho e o pijama, que estavam em cima da privada mais tecnológica que eu já vi na vida. Seis tipos de jatos. Água quente e água fria. Assento aquecido.

Antes que eu termine de secar o chão, Ayka bate na porta ordenando que eu saia. Que saudade do banheiro grande e exclusivo que eu tinha no Brasil. Que saudade de não bater os ombros e a cabeça em tudo.

Saio vestindo a toalha molhada. Entro no meu quarto e pego um short e uma cueca. Me visto de baixo do lençol, já que eu não tenho a privacidade de uma porta.

Pego o celular. Dezessete mensagens desesperadas de mamãe. Uma do meu pai, ordenando que eu dê notícias à minha mãe. Nenhuma de Clara. Abro e fecho a do meu pai, sem responder. Não tenho coragem de abrir as mensagens da minha mãe. Ela está muito triste com a minha partida. Não consigo lidar com o seu desalento agora.

Abro a foto do perfil de Clara. Ela está com um vestido vermelho com flores brancas. Sorrindo de braços abertos. Os cabelos castanhos voando no rosto.

O retrato foi tirado no último churrasco da nossa turma da faculdade. Três semanas atrás. Eu acordei nervoso naquele dia. Jurei na noite anterior que ia me declarar para ela. O dia terminou comigo vendo Clara ficar com um babaca da nossa turma. Ela rindo e eu destruído e irritado.

Foi nesse dia que eu decidi que deveria elaborar uma grande prova de amor para ela se apaixonar por mim. Essa é a razão de eu estar aqui. Eu quis me aproximar de Clara. Ultrapassar a barreira da amizade. Não poderia ter ficado mais longe.

Não há mais nada a se fazer, além de ficar sozinho em um lugar em que tudo é estranho para mim, começando pelo idioma. Em um país em que eu conheço apenas duas pessoas, a avó-general Hina e minha única prima, que parou de falar comigo, sem qualquer motivo, três anos atrás. Nenhuma delas está feliz em me hospedar aqui.

Abro o zíper da mochila. Tiro o notebook e os fones de ouvido, por reflexo. Ligo o computador e faço o login no jogo sem pensar. O processo foi automatizado pela repetição e pela desolação.

Tales of Abrantes, um MMORPG universalmente conhecido como ToA – o tipo de *game* que você evolui com a sua personagem e joga com milhares de pessoas mundo a fora. É o meu grande vício nos últimos anos.

O jogo começa, mas nenhum dos meus amigos está online. Nem Clara.

Um dia tão ruim não melhoraria assim, não é mesmo? Ponho o computador no chão e me deito. Quando as lágrimas vêm, eu as escondo com o braço e me concentro para não deixar os soluços fugirem.

— Você tem que trocar de servidor — Ayka diz da porta.

— Me deixa, Ay. Eu não estou a fim de falar com ninguém.

— É sobre o jogo, babaca. Se você não selecionar o servidor para as Américas, não vai conseguir jogar com os seus amigos. É assim que eu faço.

— Você ainda joga ToA? — pergunto, ainda escondido pelo braço. — Eu nunca mais te vi logada.

— Jogo, lógico. Mas, por causa do horário, eu uso o servidor daqui.

Pego o computador no chão. Ignoro minhas lágrimas e ela finge que não as vê.

Mas, pelo canto do olho, vejo que a sua boca se contrai de pena. Ela se vira para sair do meu quarto.

— Valeu, — digo — vai fazer a diferença no meu dia.

— *Hai* — assente, abaixando a cabeça e fechando os olhos, e vai para o seu quarto.

No instante em que eu troco o servidor, seis conhecidos aparecem no chat me perguntando como foi a viagem e dizendo que estão com inveja de mim por eu estar no Japão. Antes que eu consiga responder a todos, Clara me chama no canal de voz.

— Pensei que ia me deixar esperando para sempre — ela diz, e o coração para. — Vai começar um evento *hardcore* daqui a pouco. Eu preciso de um guerreiro forte do meu lado. Consegue participar?

É quando estou para dizer que não dá, que eu entendo que terei todas as tardes livres para jogar com os meus amigos. Vó Hina me colocou no único turno que não afetaria as minhas amizades. Um horário em que eu consigo falar com o Brasil. Se eu estivesse no turno da manhã, dormiria quando eles estivessem acordando.

— Lógico! — respondo.

— E como foi a viagem? E como você foi recebido pela sua avó? Ela está pegando muito no seu pé? E aquela sua prima chata, está morando aí mesmo? Como é o Japão? É tudo isso que falam? Me conta tudo! Quero todos os detalhes.

Ouvindo a chuva de perguntas com a voz acelerada dela, eu sei que o melhor lugar do mundo para se estar é do seu lado. Mas aqui não está tão ruim assim.

O QUE VOCÊ ACHOU?

Se você gostou dos primeiros capítulos de **Kaito: reze por uma boa morte** eu tenho uma ótima notícia para você!

O livro completo está disponível na Amazon com **descontão de lançamento**.

E você pode **ler todo ele de graça** se for assinante do Kindle Unlimited!!!



[clique aqui para continuar lendo](#)